

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
PÓLO DE GRAVATAÍ

LUIZA AMÉLIA MARCICO CHIAVARO

**ENTENDENDO A INCLUSÃO DO
DEFICIENTE MENTAL NA ESCOLA REGULAR**

PORTO ALEGRE

2010

LUIZA AMÉLIA MARCICO CHIAVARO

**ENTENDENDO A INCLUSÃO DO
DEFICIENTE MENTAL NA ESCOLA REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp

Tutora: Bianca Silva Costa

PORTO ALEGRE

2010

LUIZA AMÉLIA MARCICO CHIAVARO

**ENTENDENDO A INCLUSÃO DO DEFICIENTE MENTAL NA ESCOLA
REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp

Tutora: Bianca Silva Costa

Aprovado em dezembro de 2010.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, **ENTENDENDO A INCLUSÃO DO DEFICIENTE MENTAL NA ESCOLA REGULAR**, elaborado por LUIZA AMÉLIA MARCICO CHIAVARO, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Professor Paulo Francisco Slomp

Professora Darli Collares

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

*Dedico este trabalho à memória de meus pais
Que sempre foram maravilhosos e lutaram
Para que eu desfrutasse de esplendidos momentos.
À meu marido que está sempre a meu lado.
À meus filhos, meus netos, noras e genros que
me inspiram a continuar
na busca da concretização dos sonhos
para um futuro melhor.*

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este curso, quero agradecer...

... A Deus, por iluminar meu caminho. Por acreditar no meu potencial e me proporcionar forças necessárias para enfrentar os obstáculos da vida;

... A meu pai, Paulo, mesmo não estando presente neste plano espiritual, mas que enquanto viveu me proporcionou uma vida de princesa, me instruiu e me incentivou a lutar para enfrentar os obstáculos que por ventura eu encontrasse na caminhada da jornada que ele me ofertou;

... À minha mãe, Ilfa, que também não se faz mais presente neste plano espiritual, pelo amor, carinho, dedicação e educação que a mim ofertou. Pelos ensinamentos, pela força, apoio e incentivo. Por me acompanhar quando necessário, me ouvir e me confortar nos momentos de angústias e incertezas e por ter me orientado na construção de uma família;

... Aos meus filhos, Elias, Cássio, Natalie, LÍlian e Thomás, por terem contribuído quando necessário e compreendido a minha ausência quando ansiavam pelo meu amparo. Por serem maravilhosos, honestos e lutadores pelos seus ideais. Por me proporcionarem a dádiva de ser a avó mais feliz deste século e poder desfrutar de uma felicidade ímpar;

... Ao meu marido, José Ely, pelo amor dedicado, pelo auxílio que me prestou assumindo as lidas da casa, dedicando-se aos filhos, orientando-os com integridade, e por suportar e compreender os momentos que não correspondi aos seus anseios;

...aos meus netos, Alisson Thobias, Raffaella, Caio, Manuella, Bernardo, Mariana e Luan pela força que instigam a minha estima, por compreenderem os momentos em que não pude dispensar-lhes a atenção necessária;

...aos meus genros, Daniel e Rodrigo e noras, Grazieli, Patrícia e Aiesha pelo incentivo a seguir com bravura a longa caminhada;

... A minha irmã, Luiza Helena, pelo apoio, dedicação e força que sempre me proporcionou;

... Ao meu cunhado Pierry, que muitas vezes me auxiliou na manutenção do computador, e me ensinou alguns massetes de como trabalhar e ou baixar alguns programas;

... As minhas queridas amigas, Carmem Valéria e Elisete que me estenderam a mão nos momentos difíceis, me incentivando a não desistir dos meus sonhos e me propiciaram o ingresso no curso;

... Às minhas amigas Lígia, Teresinha, Marisa, Marli, Luciane e Terezinha, pelo incentivo a seguir em frente para vencer os obstáculos;

... Aos novos amigos, Inês Néri, Ione, Marli, Sandra Carone, Andreia, Eunice, Roselaine, Paulo, Marta, Marcos, as Maras, Marinês, Crisitina, Tatiane e as Naras pela parceria ao longo do curso, por todo o apoio e carinho e por dividirem comigo as angústias durante o estágio e na elaboração deste TCC;

...À coordenadora do curso PEAD, professora Rosane Aragon por contribuir com novas metodologias na Educação e propiciar a realização deste sonho àqueles que desconhecia;

...À coordenadora do pólo e professora Luciana Corte Real, pelos incentivos, pelas orientações prestadas no transcorrer do curso e por manter a integração do grupo PEAD da cidade de Gravataí;

...À tutora da sede, professora Geny Schwatz pelos estímulos proporcionados durante esta caminhada;

... À gerente do Pólo, Vera Lúcia Caletti, por me incentivar a manter a calma e me auxiliar quando necessário;

... Ao professor Paulo Francisco Slomp, meu orientador de estágio, à professora Mauren Tezzari e à tutora Bianca Costa, que refletiram comigo, acreditaram nas minhas idéias, me instruíram e me instigaram a buscar caminhos durante o estágio e na elaboração deste TCC;

...À tutora, Luciana Nunes por ouvir meus anseios, me orientar, auxiliar, tranqüilizar e propiciar confiança durante esta caminhada;

...Às tutoras, Ana Laura Conti, Janaina Silviero, Jandira e Daniela Caletti, que passaram por este curso, me orientaram na realização dos trabalhos e foram companheiras nos momentos de descontração passados no pólo de Gravataí;

...em especial, aos pais e aos alunos que me foram confiados, por acreditarem em meu trabalho;

...aos médicos especialistas que atendem ou atenderam a minha família e alguns alunos que conseqüentemente contribuíram com informações médicas específicas para o meu saber;

... E a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste sonho...

...Muito Obrigada!

VIVER

É tentar buscar, a cada instante,
O equilíbrio, a força, a coragem,
O desequilíbrio, a incerteza,
O amor, a paixão...

Viver

É navegar nas ondas do cotidiano,
Naquelas que balançam o navio,
Que embalam os sonhos, que tranquilizam,
Que forçam pela intensidade, pela persistência,
Que refletem pelos brilhos solares ou lunares,
Que beijam a praia ou os pés dos andantes,
Que deixam flutuar a leveza do ser,
Que carregam o peso que cansa,
Que inspiram os olhos dos apaixonados,
Dos loucos, dos andarilhos, dos indiferentes...
Que são calmarias na agitação
E agitação na essência de ser e viver,
Que simbolizam transformação!

VIVER

É não ter medo de ser humano!
É buscar intensamente,
A força na fraqueza,
O equilíbrio no desequilíbrio,
A paz na turbulência,
O amor na vida diária,
A paixão na essência humana.

Viver

É deixar ser!

É permitir que nossos sentimentos
Flutuem no turbilhão deste universo estimulado.

Viver é querer ser!

É não desistir da busca,
É não evitar a esperança,
É não deixar morrer
A fé no ser humano!

É amar

Apaixonadamente!

RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar um estudo voltado às ações referentes à inclusão escolar de crianças e adolescentes que apresentam o quadro de deficiência mental. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram realizados através de observações, entrevistas, diálogos e estudo de caso de um aluno de uma turma de primeira série do ensino fundamental que apresenta deficiência mental e que a cada dia demonstra que é possível a inclusão no ensino regular, apesar de ser um desafio impar que exige astúcia, ânimo e coragem. O trabalho aborda o histórico da origem do movimento pela inclusão e a evolução deste processo. Apresenta uma escola que investe em ações unindo posicionamentos de diferentes áreas do conhecimento a fim de promover encontros entre mundos distantes. Expõe os desafios vivenciados, como ocorreu o desenvolvimento das atividades e a metodologia adotada para efetuação das ações. As questões que instigaram a escrita deste trabalho buscaram referenciais teóricos de Thums, Piaget, Maturana, Chalita, Durkheim, Cury, Domann, Fierro, Tezzari, Baptista e outros autores de Programa de Educação Inclusiva (MEC), de Acervos Complementares às áreas do conhecimento e Saberes e Práticas da Inclusão (MEC). É um desafio impar que exige astúcia, ânimo e coragem.

Palavras-chave: Inclusão - Deficiência - Necessidades educativas - Desafio. Ensino Regular.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 A INCLUSÃO NA ESCOLA REGULAR.....	12
2.1 AS ORIGENS DO MOVIMENTO PELA INCLUSÃO.....	13
2.2 A ESCOLA INCLUSIVA	15
2.3 COMO PENSAR A INCLUSÃO EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA REGULAR	18
3 DEFICIÊNCIA MENTAL E INCLUSÃO	22
3.1 CARACTERIZANDO A DEFICIÊNCIA MENTAL	23
3.2 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA MENTAL.....	24
3.3 ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS	25
4 METODOLOGIA	26
4.1 OBJETO DE ESTUDO	26
4.2 OBJEIVO GERAL.....	26
4.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	26
4.4 O <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA.....	27
4.4.1 A Escola.....	27
4.4.2 Caracterizando a Turma	31
4.4.3 Desenvolvimento da Pesquisa	32
5 O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA MENTAL EM UMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REGULAR MUNICIPAL .	37
5.1 DESAFIO VIVENCIADO	37
5.2 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.....	39
5.3 CARACTERÍSTICAS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS_	46
7 REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS	50
APÊNDICE	53

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Preocupada com a grande demanda na escola regular de crianças deficientes mentais e que apresentam desvantagens sociais, incapacidades, limitações e conseqüentemente necessidades especiais de atendimento para desenvolver suas potencialidades objetivei desenvolver este trabalho de conclusão de curso. Para a realização do mesmo, busquei entender a inclusão a fim de poder desenvolver um trabalho que favoreça a construção de novos conhecimentos e habilidades dos alunos que apresentem condições de deficiência mental. Para que tal ação ocorra com esmero, realizarei estudos e registros voltados a ações referentes à inclusão social. Destarte, tentando compreender as deficiências apresentadas por alguns alunos penso em responder durante o desenvolvimento da escrita deste trabalho as questões as quais procuro respostas.

Há alguns anos, a escola em que exerço minhas atividades profissionais recebe alunos deficientes mentais provenientes de outras escolas e ou de seus lares e estes são encaminhados às turmas em que sou regente de classe, isto é, turmas do primeiro ano do ensino fundamental em nove anos.

E assim, imbuída de ações que apresentem significados aos estudos que me propus a realizar, realizei estudos e registros voltados a atos referentes à inclusão social. Busquei informações através de leituras sugeridas e pesquisadas. Realizei observações em relação aos alunos que apresentam falhas significativas na aprendizagem, crianças diferentes das chamadas comuns e ou normais, crianças marginalizadas e ou rejeitadas. Crianças com comportamentos atingidos por limitações organizacionais, psicóticas, deficientes físicos e ou deficientes sensoriais. Sujeitos com condutas típicas de síndromes neurológicas, psiquiatrias ou de quadros psicológicos graves e altas habilidades/superdotação. Crianças que apresentam manifestações de desequilíbrio em sua conduta, necessidades especiais de orientação e mobilidade, especificamente, a deficiência mental. Realizei entrevista com os responsáveis. Busquei recursos para um melhor desenvolvimento das atividades. Procurei auxílio junto a especialistas. Solicitei avaliações especializadas buscando respostas para as condições de deficiência mental. Visto que na escola comum a inclusão também apresenta desafios aos chamados “típicos”.

Pesquisei quanto ao histórico da origem do movimento pela inclusão e a evolução deste processo. Teci observações em relação à escola inclusiva que investe em ações unindo posicionamentos de diferentes áreas do conhecimento a fim de promover encontros entre mundos distantes e como pensar a inclusão em uma turma de alfabetização de uma escola regular. Também me ative a estudar esclarecimentos quanto à deficiência mental, suas características e os desafios da inclusão. As adaptações necessárias e os processos de inclusão de um aluno em condições de deficiência mental em uma classe de alfabetização no ensino regular municipal.

2 INCLUSÃO NA ESCOLA REGULAR

A escola comum geralmente atende indivíduos que apresentam suas faculdades mentais, físicas e motoras em perfeitas condições. Entendemos por “perfeição” como a ausência de defeitos, a precisão de um padrão ou ideal. Para Durkheim, “perfeição é o desenvolvimento harmônico das faculdades humanas”. (DURKHEIN, Émile, 1955, p.25) Assim, a escola regular sempre se propôs a desenvolver no indivíduo os poderes que nele são intrínsecos.

Entretanto, a evolução do tempo faz com que a escola regular ou comum se ajuste a sociedade civil, evolua e inclua aqueles que necessitam orientações as suas necessidades específicas, para que transponham os obstáculos nas dificuldades do aprendizado, nas desvantagens sociais, nas incapacidades, no comprometimento do comportamento, nas limitações a determinadas atividades, nas deficiências e limitações decorrentes de condutas típicas de síndromes neurológicas, psiquiátricas ou de quadros psicológicos graves, nas altas habilidades/superdotação, nas condições de deficiência: mental, sensorial, física, motora e múltipla, nas condutas típicas de distúrbios invasivos do desenvolvimento.

A escola regular então, procura novas ações reunindo posicionamento de diferentes áreas do conhecimento a fim de promover encontros entre mundos distantes, buscando respostas educativas adequadas, tentando a remoção de barreiras para a aprendizagem, incitando o sujeito a enxergar o outro e a respeitar as diferenças. Entretanto, o processo para tais ações requer reflexões. Porém,

nem todos somos feitos para refletir e será preciso que haja sempre homens de sensibilidade e homens de ação. Inversamente, há necessidade de homens que tenham, como ideal de vida, o exercício e a cultura do pensamento. (DURKHEIN, Émile, - 1955, p.25)

Tezzari cita que:

Um dos grandes desafios da escola hoje é reorganizar-se, redefinir seus espaços e estruturas, reinventar seu cotidiano, de forma a poder atender todos os alunos que hoje chegam a ela. Isso inclui o repensar da ação do professor e demanda uma grande capacidade de inovação e criatividade. Essas mudanças terão reflexos no atendimento das necessidades e peculiaridades de todos os alunos. (TEZZARI, 2006, p.2)

Segundo KANT, “o fim da educação é desenvolver em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz”. (DURKHEIM, 1955, p.25) Assim, a escola regular procura desenvolver o máximo de habilidades de um sujeito. Tenho a impressão que o mesmo não ocorre com as escolas especiais, parece que muitas habilidades são bitoladas. Faço tal citação, pois passei por uma experiência com um aluno dito: “doente mental” há uns quatro anos. Recebi de uma escola especial um aluno com necessidades especiais. Ele tinha treze anos e foi encaminhado para inclusão em uma das turmas que eu era regente. Assim que ele ingressou na turma aparentou estar retraído, entretanto, como o passar dos dias me surpreendeu. Era com se fosse um passarinho preso em uma gaiola, mas que conseguiu sair e alçar seu vôo em liberdade. O parecer descritivo enviado a escola foi de que suas limitações eram muitas, entretanto, na medida em que o conteúdo era desenvolvido ele avançava em seu aprendizado. Progrediu e passou para a série seguinte e assim sucessivamente até ser transferido quando cursava a terceira série do Ensino Fundamental para a cidade de Torres.

Contudo, refletindo quanto a tais condições estou ciente que a inclusão nos apresenta desafios instigantes. Instigantes, por nos levar a buscar outras formas de oportunizar o desenvolvimento de novas aprendizagens e socializar o ser em questão.

A escola regular objetiva que sejam fortalecidas as identidades sociais e que sejam ampliados os conhecimentos do indivíduo.

2.1 AS ORIGENS DO MOVIMENTO PELA INCLUSÃO

Nas sociedades primitiva, antiga e medieval ocorriam "atitudes e comportamentos variados em relação às doenças, incapacidades e deficiências do homem". Sendo a prática de extermínio uma ação comum em relação aqueles que por incapacidades e ou deficiências diversas não atendessem as necessidades materiais da comunidade. "Com o fortalecimento das estruturas feudais, a Igreja tornou-se progressivamente uma aliada ideológica e um instrumento de sustentação destas estruturas, difundindo princípios morais e sanções religiosas", preconizando virtudes como a caridade, e a prática de ações dirigidas àqueles menos afortunados. (GUHUR, 1994, p.79) Entretanto,

[...] tais práticas relativas ao extermínio e ao abandono de crianças deficientes e malformadas começaram a ser alteradas e progressivamente abandonadas quando, com a propagação do Cristianismo, valores novos como o amor ao próximo, a compaixão, a tolerância, etc, passaram a mediar as representações do homem. (GUHUR, 1994, p.78)

Apesar de que *os estudos sobre as deficiências iniciarem a partir do século XVI como uma preocupação da medicina em classificar os indivíduos que se desviavam do padrão de normalidade definido para a época.* (Carneiro, 1996, p.137). E somente no século XIX alguns pedagogos interessaram-se em realizar estudos quanto a deficiência mental e em relação às possibilidades de educarem os indivíduos que apresentassem necessidades educativas especiais, muitas pessoas não tinham pretensões, a saber, sobre as crianças com lesão cerebral. Porém, com a evolução do tempo, entre os anos de 1940 e 1950 foi que se iniciaram estudos sobre tal conteúdo e este período foi considerado por muitos estudiosos como o decênio do desespero.

Entre 1950 e 1960 ocorreram grandes descobertas em relação ao cérebro lesado. E a partir desta época foram crescentes os trabalhos em relação à inclusão de indivíduos portadores de cérebro lesado na sociedade civil. A contar da década de 1990, políticas públicas foram arquitetadas e implantadas garantindo a qualidade de ensino, considerando o direito à educação, estabelecido pela Constituição Federal de 1988. Entretanto, muitas escolas ainda resistem em receber indivíduos que apresentem limitações, sejam físicas, sensoriais ou mentais. Tal resistência ocorre por entenderem que para haver inclusão é necessário que não só professores estejam habilitados ou preparados, mas que o ambiente escolar deve estar adaptado para atender e promover a acessibilidade do incluído. Porém, algumas escolas acreditam que seja possível fazerem-se as modificações necessárias em concomitância ao atendimento aqueles que apresentem necessidades especiais de atendimento, pois entendem que assim como o especial está sendo incluído, os alunos da escola regular também fazem parte desta inclusão, seja ela racial, cultural e ou por desvantagem social.

Todavia, a escola em que desempenho minhas funções profissionais sempre esteve com suas portas abertas para atender todo e qualquer tipo de educando independente do grau de capacidade intelectual. A maioria dos profissionais nela envolvidos se empenha em cooperar com o professor titular em desenvolver suas atividades e atender as necessidades educativas especiais do aluno em condições de deficiência mental. Os trabalhos de integração

de tais alunos ocorrem por intermédio de diálogos travados entre toda a comunidade escolar e com o ser em questão.

Os trabalhos de integração muitas vezes envolvem os pais e ou, responsáveis quando estes trazem ou buscam seus filhos diariamente para a escola e, então, trocam experiências culturais e cognitivas entre seus pares.

2.2 A ESCOLA INCLUSIVA

Em uma escola inclusiva não basta somente, além das adaptações ambientais o preparo de um professor, como também, os professores devem fazer uso de suas astúcias sendo irreverentes e ousados, motivando os alunos e seus familiares a acreditarem em um progresso, pois assim poderão proclamar citações contrárias a um dos mais comentados discursos de Darcy Ribeiro, 2007 onde ele sentencia:

Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são as minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu. (Pensador, Revista Aprende Brasil. 2007, p. 36)

"Escola Inclusiva é aquela que acolhe a todas as crianças." (MEC/SEESP, 2007)

Com a "Inclusão" a escola atende crianças com necessidades especiais. Crianças que apresentam lesões cerebrais irreversíveis, mas que possuem algumas potencialidades possíveis de serem desenvolvidas. E que necessitam de um atendimento diferenciado. Um tratamento especificado que envolva atividades detalhadas que atendam minuciosamente as necessidades apresentadas.

Sempre que ouvimos falar em escola inclusiva fazemos associações à alteração da estrutura física do ambiente, as adaptações para que haja acessibilidade, as reformulação de métodos a serem aplicados, mas não pensamos que de certo modo a escola já é por natureza um ambiente inclusivo, pois a diversidade de indivíduos que nela são atendidas e conseqüentemente os atendimentos às diferenças individuais já a tornam inclusiva, pois como citam "Maselli e Di Pasquale (1997)

que consideram que além da presença da deficiência, são muitas as situações no cotidiano que demandam atenção especial: como distúrbios de aprendizagens, desvantagens sócio-culturais, diferenças lingüísticas e étnicas, dificuldades acidentais, entre outras. (TEZZARI, 2006, p. 1)

E estas são situações que também tornam a escola um ambiente inclusivo.

A escola inclusiva deve atender as especificidades do aluno em condições de necessidades especiais, isto é, devem observar alguns aspectos fundamentais determinados pela Constituição Federal de 1988 que traz como um de seus objetivos fundamentais:

Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” , como um dos princípios para o ensino e, garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino. (art. 208). (Equipe da Secretaria de Educação Especial/MEC, 2008).

E pela promulgada Convenção da Guatemala no Brasil que afirma:

As pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência, toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Esse Decreto tem importante repercussão na educação, exigindo uma reinterpretação da educação especial, compreendida no contexto da diferenciação adotada para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso à escolarização. (Equipe da Secretaria de Educação Especial/MEC, 2008).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 incorpora essas premissas e ressalta que:

A partir da visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades. Essa problematização explicita os processos normativos de distinção dos alunos em razão de características intelectuais, físicas, culturais, sociais e lingüísticas, entre outras, estruturantes do modelo tradicional de educação escolar. (Equipe da Secretaria de Educação Especial/MEC, 2008)

No intuito de contemplar tais determinações, as escolas inclusivas devem providenciar a eliminação de barreiras arquitetônicas no ambiente escolar propiciando a acessibilidade de todos. Devem oferecer recursos de ensino e equipamentos especializados sem discriminações. Devem adequar as práticas pedagógicas às diferenças oferecendo alternativas para o desenvolvimento das necessidades educacionais dos alunos atendendo o perfil e as aptidões

de cada um, contemplando assim, as diferenças existentes. Devem "fornecer ao aluno os mediadores (signos, símbolos e instrumentos) capazes de favorecer o seu desenvolvimento, em função de sua estrutura psicológica específica". (MIRANDA, p.4)

A relação dos profissionais com os familiares em uma escola inclusiva deve ser de cooperação, pois as emoções de todos de certa forma são instigadas. Como cita Rubem Alves:

[...] o pensamento é um sentido mágico porque ele tem o poder de chamar à existência coisas que não existem, e de tratar as coisas que existem como se não existissem. O pensamento nos dá asas, ele nos transforma em pássaros. (Revista Aprende Brasil. p. 24).

Os profissionais envolvidos em uma escola inclusiva devem equacionar a interação entre os professores, os alunos, os demais membros da comunidade escolar, os materiais utilizados e as circunstâncias ambientais promovendo uma sociedade plural.

Infelizmente um número significativo de professores ainda não concorda com a inclusão. Faço tal afirmação por sentir, como diz o ditado, "... sentir na carne", a indiferença por parte de alguns colegas. Recordo-me que no ano dois mil e nove recebi um aluno com retardo mental apesar de não apresentar um laudo médico com um diagnóstico preciso, parecia ter um transtorno psicológico significativo, pois manifestava ideias mórbidas. No início do segundo trimestre do ano corrente, quando eu estava tentando promover a socialização do referido aluno, fazendo com que ele me acompanhasse diariamente até a sala dos professores para integrá-lo ao grupo e conseqüentemente à escola. Fui advertida por algumas colegas e solicitada pela diretora para que não tornasse a ter tal atitude, pois as colegas referidas sentiam-se agredidas moralmente com a presença do aluno. Respondi-lhes que infelizmente as escolas e o mundo ainda contam com pessoas medíocres e com tal pensamento. Disse-lhes também, que deveriam refletir nas palavras que estavam proferindo, pois não estão livre de vir a ter um filho ou parente apresentando uma deficiência ou até mesmo elas próprias sofrerem um colapso e passarem a apresentar necessidades especiais de atendimento e quem sabe serem respeitadas dentro de suas limitações.

Os profissionais envolvidos na reabilitação de um educando em condição de necessidades especiais devem traçar uma aliança com o envolvido e seus responsáveis. Os profissionais envolvidos são os professores, os médicos, os fisioterapeutas, os terapeutas ocupacionais e tantos outros. Estes auxiliam no desenvolvimento da reabilitação do

necessitado, incitando-o a descobrir e a conviver com suas possibilidades. E necessitam da compreensão e colaboração dos responsáveis pelo indivíduo para que o desenvolvimento do tratamento seja efetuado com êxito.

2.3 COMO PENSAR A INCLUSÃO EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA REGULAR

Acredito que pensar a inclusão em uma turma de alfabetização de uma escola regular é fácil, porém, difícil é colocar em prática ações pedagógicas que contemplem os objetivos almejados, pois muitas vezes o aluno é colocado na sala de aula sem que o professor esteja preparado e seja informado das condições de limitações que o acometem, apesar de que isto não quer dizer que não seja possível.

Apóio-me em Maturana, que afirma:

A educação é um processo em que a criança e ou adulto convive com o outro, se transforma espontaneamente de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro. (2001, p.29)

No meu trabalho procuro desenvolver atividades em grupo para que aja uma integração entre todos incitando e instigando o desenvolvimento dos processos mentais como a organização, o raciocínio, a atenção, a criatividade, a memória, a imaginação e outros, valorizando as diferenças. Em uma das turmas que desempenho minhas funções profissionais, a qual é uma classe de alfabetização, há um menino com deficiência mental. A minha preocupação é quanto ao como lidar com as incorporações com o seu mundo de imaginação constante e negativo e o seu desejo de matar, de destruir ou de ferir o outro em especial a professora, sua mãe ou quem o contrarie. As palavras que profere são “pesadas”, de baixa-estima e ocasionam a desestruturação do planejamento que é proposto para ser desenvolvido. Alterei em alguns pontos a metodologia para poder atender as necessidades apresentadas por ele e conseqüentemente incitar e instigar os colegas em relação ao conteúdo desenvolvido. A sala está sendo estruturada e na medida do possível, equipada para que o livre acesso do mesmo ocorra sem dificuldade e para que este interaja com os colegas, fortalecendo sua autonomia em opinar, tomar iniciativas e desenvolver sua mobilidade e orientação.

Para que possa haver um “desenvolvimento dos processos mentais: atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, criatividade, linguagem, entre outros e fortalecer a autonomia” (MEC/SEESR,2006) do aluno deficiente mental, procuro desenvolver atividades musicais em grupo, pois acredito que estas favorecem a auto-estima, a socialização, a compreensão, a participação e a cooperação. Ao desenvolver tais atividades os alunos demonstram interesse, participam com afinco, cooperam uns com os outros e procuram auxiliar aquele que demonstra não entender. E assim, desenvolvem as suas potencialidades intelectuais.

Acredito que o ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. Os movimentos são adaptados a um ritmo propiciando atividades coordenadas, senso rítmico, agilidade, precisão e controle do corpo. O que verifico no desenvolvimento dos alunos, pois quando executamos atividades ao som de uma música, eles realizam-nas com esmero, tornam-se mais sociáveis e solidários. Entretanto, com o aluno A, no início era difícil dar uma sequência na atividade, pois como ele não entendia o que estava sendo proposto, não acompanhava e acabava por atrapalhar e perturbar o desenvolvimento da atividade.

Também ao efetuar atividades que envolvam teatrinhos, pois estas favorecem as possibilidades de compartilhar descobertas, idéias, sentimentos e atitudes. É necessária cautela para que todos entendam o processo pretendido. Estabelecendo assim, a relação do sujeito com o todo, desenvolvendo a socialização. Em relação ao desenvolvimento da socialização, são realizadas atividades que envolvam muitos diálogos, debates de assuntos referentes às regras de convivência e sobre a escola, quando então, são estipuladas algumas normas para o convívio em sala de aula. Infelizmente, volto a relatar que é difícil. Com o aluno A é necessário prever algumas alternativas para a realização dos trabalhos, pois é imprescindível que a realização do que é proposto seja cumprida. Também, são incluídas atividades em grupo como a montagem de quebra-cabeça, jogos de memória e ou, jogos de trilha. São realizadas atividades de noção de grandeza partindo de observações que são instigadas por mim ao aluno A e demais colegas para que sejam realizadas.

Outras atividades que eu considero importantes e essenciais são as atividades que desenvolvem a motricidade fina, como a rasgadura, o amassamento, o recorte, a colagem de papel e a modelagem com massa de modelar. Outra atividade é a de formar coleções de

acordo com a forma, textura, cor e seriação. Exemplo: organizar e dispor objetos do maior ao menor ou vice versa.

As atividades musicais em grupo que procuro desenvolver favorecem a socialização, a participação e a compreensão. Ao som de músicas é solicitado aos alunos que batam como o pé contra o piso acompanhando o ritmo. Ou arrastem um dos pés de um lado ao outro e para frente ou para trás. Ora, só o calcanhar, ora, na ponta do pé, ora, realizando movimentos com as pernas em pêndulo alternando-as ou solicito que realizem movimentos com a mão, com os dedos, com a boca estalando a língua, assobiando, fazendo barulho como os dentes, barulho de beijos ou batendo com objetos disponíveis na sala e assim, também é incitado a confecção de instrumentos musicais como pauzinhos rítmicos, platinela, tambor, reco-reco, guizos, chocalhos e xilofone. Os pauzinhos são elaborados com pedaços de cabo de vassoura. A platinela com tampas de garrafa de cerveja, arame e pedaço de cabo de vassoura. O tambor com latas vazias de achocolatados, molho de tomate ou refrigerantes. Os guizos são pendurados em um pedaço de arame. Os chocalhos com latas com sementes, grãos ou pedregulhos ou com tampinhas de metal enfiadas em um suporte. Realizo atividades com cantigas de roda, pois estas contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora, favorecem a socialização, disciplinam as emoções como a timidez e a agressividade. Ao som da música são realizadas atividades que envolvam operações como ritmo corporal motricidade fina, equilíbrio, lateralidade, espaço, audácia, freio inibitório, criatividade, expressão e motricidade ampla.

Quanto à motricidade ampla e equilíbrio são exploradas as diversas maneiras de andar, isto é, pé por pé, para frente e para trás ou lateralmente, com os olhos fechados ou com o olhar fixo em determinado ponto. Andar sobre pedras, sobre cabo de vassoura, sobre linhas traçadas ou sobre uma corda disposta ao chão. Às vezes pisando sobre a corda somente com o pé direito, e ou, com o pé esquerdo. São propostos exercícios em que os alunos devem equilibrar-se em uma perna só e ou, saltar no mesmo lugar. Ou jogos envolvendo a corrida do saci, do saco e do ovo e amarelinha. Porém, o aluno A por apresentar deficiência em sua mobilidade não consegue efetuar os exercícios propostos.

Em relação ao freio inibitório são desenvolvidas atividades com as quais controlamos os movimentos no tempo e espaço permitindo a organização em determinado limite. Exemplo: em pé, andar, marchar ou correr e a um sinal preestabelecido, parar. Ou a realização

de jogos como “Meia Lua 1,2,3”, Stop e ou Estátua o qual consiste em correr livremente e ao som do apito parar e ficar estático e ou o jogo da “Mamãe posso ir?”. Em relação à lateralidade são desenvolvidas atividades objetivando a definição do lado dominante. Exemplo: retirar objetos de uma caixa e guarda-los, mostrar a mão preferida e ou arremessar uma bola.

Quanto às atividades de motricidade fina são exploradas atividades como empurrar uma bola com o queixo, com a ponta do nariz. Ou seguir com os olhos, sem mexer a cabeça o percurso de um pêndulo. Também, desenhar, colorir desenhos livres, construir objetos com sucatas, mobílias de caixa de fósforos, boliche de latas, fantoches e outros. A estas atividades também são agregadas outras que envolvem exercícios com as mãos como: mãos estendidas sobre a mesa (abrir e fechar), mãos fechadas abrir e fechar e entrelaçar os dedos. Misturar diversos grãos e após selecionar os iguais. Modelar com barro ou massa de modelar. Enfiar contas ou pedaços de canudo em um fio ou cordão. Fazer bolinhas amassando papel. Pintar como os dedos e com a mão usando tinta guache. Pintar com esponja. Realizar desenhos em caixa de areia. Encaixar peças em jogos de encaixe, levantar os dedos alternadamente. São realizadas também, atividades que desenvolvem a percepção como: colorir as letras que compõem o seu nome destacando-as das demais que estiverem grafadas no mesmo plano. Identificar as diversas cores. Recordar sons conhecidos. Discriminar os diversos sabores, odores e texturas. Atividades estas, que provocam risos no aluno A.

3 DEFICIÊNCIA MENTAL E INCLUSÃO

Segundo a *American Association ou Mental Retardation* a deficiência Mental refere-se às limitações no desenvolvimento como a deficiência na mobilidade e orientação, na organização do raciocínio lógico, na atenção, na percepção, na memorização. Enfim, pode se referir às impossibilidades para o desenvolvimento físico, psicológico e ou cognitivo. Lembro-me que quando criança ouvia meus pais ou professores falarem em retardo mental, em “criança excepcional” e muitas vezes ficava pensando como aquilo acontecia e fazia questionamentos.

Lembro de minha mãe responder-me que “criança excepcional” era o mesmo que criança com deficiência intelectual. Que era uma criança com deficiência mental. Com conduta atrasada. Que tinha dificuldades em adquirir conhecimentos, isto é, dificuldade em aprender ou até que não aprendia nada.

Meu tio avô, que era médico dizia que uma criança excepcional sofria de oligofrenia, porém eu nunca havia pensado no significado da palavra “oligofrenia” e agora com os estudos realizados procurei saber e verifiquei que é um termo grego que significa pouca mente. O que reafirma os ditos de meu tio avô quando falava que numa criança excepcional o cérebro não funcionava direito.

O ser humano é dotado de funções sensoriais distintas e através delas relaciona-se com o mundo e desenvolve suas aprendizagens. Capta o estado emocional dos outros com muita facilidade. E desenvolve em si novas formas de atenção de memória e de imaginação para que os produtos da intercomunicação com o meio e a aquisição de conhecimentos sirvam para aperfeiçoar o seu processo de desenvolvimento.

Para Piaget (1986) *o desenvolvimento é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior.* (p.11). A lesão cerebral é determinada realizando-se a indagação em relação ao o que o indivíduo não pode executar. Para executar uma função o homem necessita ser capaz de ordenar a seus músculos que executem determinados atos. É necessário possuir informação prévia na qual se baseiam os movimentos que pretende executar.

As faculdades sensoriais ou receptivas por onde o ser humano obtém informações são: a visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar. O sentido receptivo mais usado é a visão. Assim, afirmamos que o ser humano só goza de absoluta integridade se os seus fatores receptivos estiverem intactos, pois é através do tato, da visão e da audição que o ser humano adquire a maior parte de informações operacionais.

3.1 CARACTERIZANDO A DEFICIÊNCIA MENTAL

Como ressalta o texto “Desenvolvimento psicológico e educação”, de Fierro, p.195) “a deficiência mental alude a limitações generalizadas em capacidades ou aptidões da pessoa, relativas a processos básicos de pensamento, de conhecimento e ou/ de aprendizagem”. É uma necessidade educativa especial.

A deficiência mental refere-se às limitações substanciais no desenvolvimento corrente. Caracteriza-se por um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, que ocorre juntamente com limitações associadas em duas ou mais das seguintes áreas de habilidades adaptativas possíveis: comunicação, cuidado pessoal, vida doméstica, habilidades sociais, utilização da comunidade, autogoverno, saúde e segurança, habilidades acadêmicas funcionais, lazer e trabalho. A deficiência mental manifesta-se antes dos 18 anos. (Fierro, p.195)

Tal necessidade educativa teve uma nova nomenclatura a fim de que fosse adotada e padronizada uma nova forma de denominação, isto é,

O termo deficiente mental, segundo Würth, citado por Jannuzzi (1992, p.15), surgiu em 1939, no Congresso de Genebra, como tentativa de padronizar mundialmente a referência, e também em substituição ao termo anormal, considerado muito genérico. (Baptista, Cláudio Roberto (ORG.), 2006, p.140, apud Maria Sylvania Cardoso Carneiro)

Conforme Baptista, 2006 *alguns conceitos de deficiência mental baseiam-se na concepção multidimensional de retardo mental proposta pela AADM¹*, (p.141) a qual afirma:

Os indivíduos diagnosticados como deficientes mentais apresentam resultados de QI iguais ou inferiores a 70-75 pontos em testes psicométricos de inteligência, além de outros aspectos a serem considerados, isto é, as diferenças culturais, sociais, linguísticas, familiares e educacionais e considerar as alterações motoras, sensoriais e emocionais da pessoas avaliada. (apud Baptista, p. 141)

¹ AADM: Associação Americana de Deficiência Mental.

A deficiência mental é definida pela limitação de algumas atividades, ocasionada pelo bloqueio de algumas funções. É uma deficiência muito difícil de ser trabalhada no ensino regular, principalmente em uma classe de alfabetização, apesar de que em alguns momentos, com muita astúcia, conseguir-se progressos em algumas atividades.

A Política Nacional de Educação Especial, (1994) assim conceitua a deficiência mental:

Caracteriza-se por registrar um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas de conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente as demandas da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho. (apud Carneiro, 2006)

Essa conceituação confirma aspectos que observo no aluno A, pois o mesmo apresenta muitas limitações.

3.2 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA MENTAL

Na atualidade, a escola regular tem enfrentado desafios ímpares com a inclusão. “Educar é acreditar na vida. É ter esperança. É semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”. (CURY, p.90) Considero este, um dos maiores desafios que encontramos, pois nem sempre conseguimos contemplar nossas expectativas em relação à educação. A inclusão de alunos que apresentam necessidades de atendimento especial nos impõe impasses inesperados, pois o aprendizado requer a fixação diária de estímulos externos visuais, auditivos, táteis e de estímulos internos, ou seja, pensamentos e reações emocionais. Entretanto, muitas vezes não conseguimos dar continuidade ao o que propomos ou objetivamos, pois temos que encontrar resposta em meio às dúvidas e certezas, para poder melhor trabalhar e desenvolver as potencialidades do ser em questão, tornando a escola um espaço agradável. Algumas vezes foi o que aconteceu comigo quando fazia o estágio no semestre passado. Enfrentei muitos desafios. Desafios que por muito pouco me levaram a cogitar em desistir do estágio e de tudo. Além de tentar desenvolver as atividades passando os conteúdos aos demais alunos e ser interrompida a todo o momento, fui agredida verbalmente e fisicamente pelos alunos inclusos diversas vezes. Um

dos alunos sofre de descontrole emocional e o outro de atraso mental. Fui cuspidada no rosto, mordida, chutada e meus materiais foram jogados ao chão ou rasgados. Tinha que manter a calma e o brio. Tinha que incitar o entendimento e a compreensão dos demais em relação às atitudes dos colegas, promovendo a integração de todos e, por conseguinte a socialização. Ao mesmo tempo, retomar as atividades para não prejudicar a aprendizagem dos vulgos normais.

2.3 ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS

Inúmeras são as adaptações que devem ser realizadas no ambiente escolar propiciando o livre acesso do educando. Para que haja a livre acessibilidade devem ser construídas rampas em todos os locais. Devem ser distribuídas pelo ambiente escolar, placas de sinalização informando os diversos ambientes escolares. Enfim, adaptações arquitetônicas são necessárias e imprescindíveis.

Os professores envolvidos devem ser audaciosos, irreverentes e ousados motivando seus alunos e seus familiares. Devem equacionar e favorecer a interação social com mais facilidade entre todos a fim de promover a pluralidade. Estes devem buscar subsídios, metodologias alternativas para desenvolverem seus trabalhos contemplando as necessidades especiais de atendimento que objetivam desenvolver as potencialidades daqueles que apresentem condições de dificuldade ou limitações nas diferentes áreas do conhecimento. Estimulando a coordenação motora global, a lateralidade, a atenção e a concentração. Também devem procurar desenvolver valores sobre a cooperação e o respeito à diversidade. E dependendo do grau da limitação apresentada pelo aluno em condições de necessidades especiais devem-se providenciar materiais adaptando-os as atividades a serem desenvolvidas.

A avaliação em relação aos deficientes deve ser minuciosa e pessoal. Avaliação, esta que acompanhe o desenvolvimento do educando em condições de necessidades educativas especiais de acordo com suas possibilidades e potencialidades de aprendizado.

Portanto, devido aos princípios inclusivos, segundo Batista, p.100, o atendimento nas escolas comuns e ou regulares deve ser reinterpretado e reestruturado a fim de que o tratamento dispensado aos indivíduos que apresentem condições de necessidades educativas especiais busque a particularidade de cada aluno.

4 METODOLOGIA

A abordagem deste trabalho foi baseada nos trabalhos realizados durante o ano letivo e deu-se através de uma pesquisa qualitativa, estando em consonância com a afirmação abaixo:

Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. E supõe o contato direto e prolongado com o ambiente e a situação investigada. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.11)

A fim de apresentar um trabalho relevante foram realizados alguns questionamentos com a mãe, com alguns profissionais da área médica como psicólogos, psiquiatra, pediatra, fisioterapeuta, neurologista e endocrinologista. Foram firmados diálogos via telefone e pessoalmente com as pessoas envolvidas no desenvolvimento das aprendizagens do menino, isto é, com a professora de natação e com a especialista da sala multifuncional. Também foram realizadas pesquisas sobre a Inclusão, a Inclusão na escola regular, a Deficiência Mental e quais ações educativas são necessárias para nortear o exercício da inclusão de um aluno que apresente deficiência mental em uma classe de alfabetização do ensino regular.

4.1 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo do presente trabalho é o processo de inclusão de um menino com deficiência mental, aluno do primeiro ano do ensino fundamental em nove anos, de uma escola regular.

4.2 OBJETIVO GERAL

Pretendo na elaboração deste trabalho de conclusão de curso analisar como podemos pensar a inclusão de um aluno que apresente deficiência mental em uma turma de alfabetização de uma escola regular.

4.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos traçados para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho são:

- Compreender o conceito de inclusão;

- Descrever a escola e a turma envolvida na pesquisa;
- Apresentar possíveis maneiras de trabalhar com a inclusão na sala de aula;
- Realizar estudos em relação às necessidades especiais de atendimento para desenvolver as potencialidades daqueles que apresentam dificuldades em diferentes áreas do conhecimento.

Os objetivos almejam realizar estudos em relação às desvantagens sociais, as incapacidades, as limitações e conseqüentemente as necessidades especiais de atendimento para desenvolver as potencialidades daqueles que apresentam dificuldades e comprometimento nas diferentes áreas do conhecimento, ou seja, dos deficientes mentais. Deficiência na qual está enquadrado o aluno que foi referido no estudo de caso.

4.4 O LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa tratada no trabalho é pertinente aos meus anseios em coletar informações ao como pensar a inclusão de um menino que apresenta deficiência mental em uma turma de alfabetização de uma escola regular, pois no momento passo por este desafio.

Tenho um aluno em condições de necessidades especiais, por apresentar a deficiência mental que foi causada ainda no ventre materno, especificamente, no seu sexto mês gestacional, quando em virtude de uma virose denominada citomegalovirose acometeu sua mãe, e conseqüentemente também o atingiu e paralisou o lado direito de seu cérebro.

4.4.1 A Escola

Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida



Prédio Administrativo

A Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida está situada na Rua Santa Fé, número 280, na vila Santa Fé, na cidade de Gravataí, no estado do Rio Grande do Sul. O telefone da escola é 05134965241 e o Email: nsaparecida@gravatai.rs.gov.br e o endereço do blog da escola é <http://www.emefnossasenhoraaparecida.blogspot.com>.

A Escola está localizada em zona urbana, com ruas pavimentadas, há oito quilômetros do centro da cidade de Gravataí. É construída em alvenaria em uma área territorial de 3000m². É composta por uma quadra de esportes, uma pracinha com seis balanços, duas gangorras, um escorregador e um vai-e-vem, pátio e nove pavilhões.

No primeiro pavilhão encontramos no pavimento térreo a Portaria, a Sala da Escola Aberta, a Biblioteca e três salas de aula. No pavimento superior encontramos a Secretaria, um banheiro, a Sala do Serviço de Supervisão Escolar, a Sala do Serviço de Orientação Escolar, a Sala do Apoio Pedagógico, a Sala do Serviço Audiovisual, a Sala de informática que é de uso exclusivo do Pólo de Ensino a Distância da UFRGS, a Sala de Professores e o banheiro exclusivo dos professores. No segundo pavilhão encontramos a Cozinha, o Refeitório, a Sala de Mantimentos e duas salas de aula. No terceiro pavilhão encontramos duas salas de aula. No quarto pavilhão está a Sala dos Auxiliares de Serviços Gerais, um banheiro exclusivo dos professores e dos auxiliares de Serviços Gerais. Temos também o banheiro feminino para as alunas de quinta a oitava série, o saguão com pias e banheiro masculino destinado aos meninos de quinta e oitava série. No quinto pavilhão encontramos a Sala de Materiais de Educação Física e três salas de aula. No sexto pavilhão encontramos uma sala em reforma destinada para Projetos com dois banheiros exclusivos. No sétimo pavilhão estão três salas de aula. No oitavo pavilhão encontramos a Sala da Educação Infantil com dois banheiros internos e exclusivos para a Pré-escola e outros dois banheiros masculinos e dois femininos destinados ao Currículo por Atividades. No nono pavilhão temos três salas de aula.



Vistas da quadra de esportes e dos primeiros pavilhões

A equipe diretiva está formada da seguinte forma: como diretora Patrícia Laranja Amorim de Oliveira Lopes, vices-diretoras Marilce Tadioto, no turno da manhã e Benta Susana Dimer Rodrigues, no turno da tarde. No serviço de supervisão escolar temos Olga Gonçalves, no turno da manhã e Erica Divina Tedesco, no turno da tarde e no serviço de orientação escolar contamos com Marisa Monego Estrada, no turno da manhã e Teresinha Conceição de Souza nos turnos manhã e tarde.

A direção é aberta inovações pedagógicas e prima pelo ótimo desenvolvimento da educação. Colabora, orienta e contribui no desenvolvimento das atividades.

O corpo docente está composto por duas professoras na Educação Infantil, treze no Currículo por Atividades e trinta e um na Área por Disciplina, duas professoras no Apoio Pedagógico, dois Itinerantes, dois Auxiliares de Biblioteca, três no Serviço de Orientação Escolar, dois no Serviço de Supervisão Escolar e três na Direção sendo que a diretora cumpre um regime de 40h e alguns professores desempenham suas funções em um regime de quarenta horas. Os Serviços Gerais estão compostos por dez Auxiliares de Serviços Gerais e o Serviço de Portaria está composto atualmente por dois guardas, apesar de ter tido no início do ano, três. O Serviço de secretaria está composto por uma secretária. O corpo discente está composto por setecentos e sessenta e cinco alunos em uma faixa etária entre cinco e dezessete anos.

A maioria dos alunos é de um nível sócio-econômico baixo. São oriundos de famílias cujos pais são separados ou usuários de droga e alguns estão sob os cuidados dos avôs. A figura paterna na maioria é representada pelo padrasto.

A escola funciona de segunda a sexta-feira nos turnos: manhã - das oito horas às doze horas, e à tarde - das treze horas às dezessete horas. E alguns sábados que foram previamente definidos pela comunidade escolar para completar os duzentos dias letivos do ano.

A instituição atende da Educação Infantil à nona série do Ensino Fundamental, sendo duas turmas da pré-escola, treze turmas do Currículo por Atividades e dezoito turmas de quinta à nona série do Ensino Fundamental.

A escola tem Projeto Político Pedagógico Próprio e organiza sua proposta pedagógica a partir da discussão coletiva dos interesses e necessidades da comunidade escolar, visando construir um saber que promova a formação global do ser humano, novos comportamentos, valores e atitudes para o exercício da cidadania. Estrutura seu currículo através de temas Geradores ou Projetos, considerando uma ação interdisciplinar, com o objetivo de propiciar a participação coletiva de todos os segmentos da comunidade escolar, a vivência da solidariedade, do respeito às diferenças e à diversidade, o exercício da autonomia e da cidadania na construção das práticas pedagógicas.

Quanto à Educação Infantil, a escola objetiva oportunizar o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, promovendo o bem-estar e desenvolvimento integral da criança. E no que trata o Ensino Fundamental, a escola objetiva propiciar o domínio da leitura, da escrita, do cálculo e a formação necessária ao desenvolvimento da compreensão do natural, do social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

Também objetiva estimular a auto-realização do aluno através da capacidade de aprender, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, a formação de atitudes, valores e a orientação para o trabalho, promover o exercício da cidadania, o fortalecimento dos vínculos da família e dos laços da solidariedade humana. E valorizar a diversidade e as diferenças, buscando garantir uma educação inclusiva.

A escola oferece a Educação Infantil a partir dos cinco anos de idade em regime anual e o Ensino Fundamental completo com duração de nove anos, com ingresso a partir dos seis anos de idade, em regime seriado.

A admissão de alunos novos para a Educação Infantil e Ensino Fundamental obedecem aos critérios da mantenedora, isto é, os alunos efetuam a inscrição para a série pretendida na Central de Vagas do município e esta obedecendo às normas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº9394, de 20 de dezembro de 1996 encaminha os alunos às vagas de destino nas escolas.

O sistema de avaliação está organizado da seguinte forma: A avaliação é um processo contínuo, investigativo, diagnóstico e qualificativo. E se desenvolve na escola como um todo

e no processo ensino-aprendizagem. É realizada durante o processo de construção do conhecimento, de forma contínua e cumulativa, utilizando-se de diferentes instrumentos, sendo um deles a auto-avaliação do aluno e do professor.

Na Educação Infantil a avaliação é um processo investigativo e diagnóstico, não classificativo. Os resultados das avaliações são expressos na Educação Infantil semestralmente através de Parecer Descritivo. Na primeira e segunda série, trimestralmente, através de Parecer Descritivo. Da terceira à nona séries trimestralmente, através de notas. A nota é atribuída através de pesos diferenciados em cada trimestre, totalizando, ao final do ano letivo, CEM pontos, isto é, no primeiro trimestre, trinta pontos, no segundo trimestre, trinta pontos e o terceiro trimestre, quarenta pontos. Em cada trimestre são atribuídos 10% dos pontos à avaliação dos aspectos sócio-formativos.

Os alunos com necessidades educacionais especiais devidamente diagnosticadas serão avaliados considerando-se as habilidades e competências demonstradas, levando-se em conta suas necessidades e potencialidades. As habilidades e competências demonstradas pelo aluno em relação aos objetivos e conteúdos curriculares de caráter funcional e prático, no seu processo de construção do conhecimento, serão registradas em relatório específico.

4.4.2 Caracterização da Turma

A Turma 910 é uma primeira série do turno da manhã do Ensino Fundamental em nove anos. Iniciou o ano com dezesseis alunos, sendo que um foi transferido, entretanto, outros três foram matriculados e ingressaram posteriormente na turma.

A turma iniciou o ano letivo com dezesseis alunos. Durante o ano letivo dois alunos do sexo masculino foram transferidos para o turno da tarde. Outros três, um menino e duas meninas foram transferidos para outras escolas e cinco alunos ingressaram na turma, sendo três meninas, sendo que uma apresenta baixa visão grave, sendo necessária a alfabetização em Braille e dois meninos. Atualmente a turma está composta por dezesseis alunos, sendo sete meninos e nove meninas. Dos alunos frequentes, além do aluno que apresenta deficiência mental, é necessário registrar que um outro menino apresenta descontrole emocional.

Os alunos são calmos, atentos, participativos. Estão em uma faixa etária entre seis e sete anos. O aluno que apresenta deficiência tem um atraso mental de três anos, portanto, sua idade mental encontra-se na transição de quatro para cinco anos. Segundo informações hospitalares fornecidas no boletim de alta, seu cérebro tem o hemisfério direito maior. O fígado e o baço são aumentados. Curvas timpanométricas tipo A (Jeger) à orelha direita e o tipo Ar (Jeger) à orelha esquerda. Reflexos acústicos contralaterais presentes, exceto 500 Hz à orelha direita e 500 e 1000 Hz à orelha esquerda e ipsilaterais presentes, exceto 500 e 4000 Hz. As avaliações foram realizadas pelos especialistas que acompanham o seu desenvolvimento desde o seu nascimento. Pareceres emitidos pela fonoaudióloga Cintia Ourique Silva e avaliações emitidas pela psicopedagoga Rosangela Amorim (Clínica Espaço Vital). Ele completou oito anos em dezessete de junho. A maioria dos alunos é de um nível sócio-econômico baixo. Vem de famílias cujos pais são separados, ou foram abandonados pelos pais ou pela mãe, ou a mãe é prostituta, ou o pai é alcoólatra. Alguns estão sob os cuidados de seus avós. A figura paterna da maioria é representada pelo padrasto.

4.4.3 Desenvolvimento da Pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa quanto ao como pensar a inclusão em uma escola de ensino regular, especificamente, ao como pensar a inclusão de um aluno em condições de necessidades educativas especiais devido ao atraso mental em uma classe de alfabetização e foi realizado o estudo de caso do aluno A, o qual está matriculado em um primeiro ano do ensino fundamental em nove anos.

O estudo de caso teve seu desenvolvimento incitado por questões que foram dirigidas aos especialistas que atendem ao aluno e acompanham o seu desenvolvimento mental. As referidas questões abordadas não foram específicas e previamente formuladas, mas surgiram em um diálogo travado com um dos especialistas, cujo aluno A é paciente. Algumas das perguntas que se sucederam foram as seguintes: - ***O que é deficiência mental? O que causa a deficiência mental? A deficiência mental é uma doença? Como pode ser ou como é diagnosticada a deficiência mental? Qual é a principal característica da deficiência mental? O deficiente mental é dependente de cuidadores?*** E estas propiciaram a busca e o

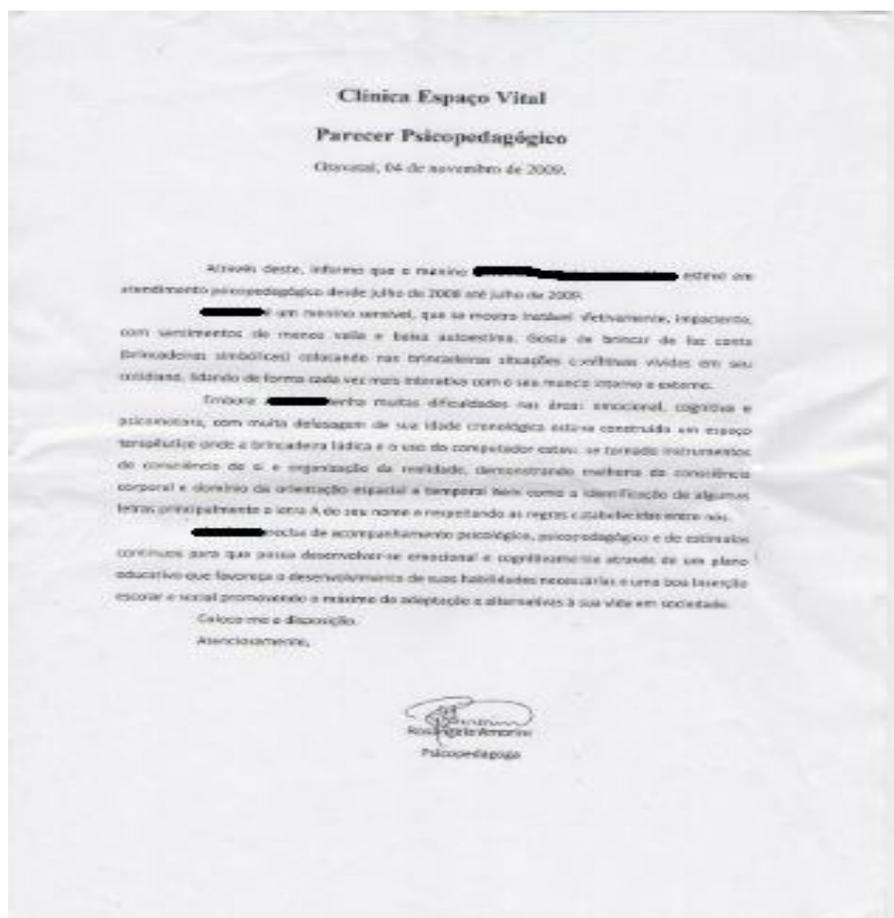
entendimento de diversos subsídios para esclarecer os elementos presentes do tema em estudo.

As pesquisas basearam-se na análise de fatos e acontecimentos que podem interferir no aprendizado do menino ou em seu desenvolvimento mental. Segundo LÜDKE e ANDRÉ,

A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. Ao estudar um determinado assunto o interesse é verificar como o sujeito se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.12)

Assim, procurei buscar respostas e subsídios para desenvolver atividades que pudessem auxiliar no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Destarte, após os diálogos travados com alguns especialistas recebi da mãe o seguinte parecer psicopedagógico emitido pela Clínica Espaço Vital:



Recebi da mãe o Parecer Descritivo do primeiro trimestre do ano 2009, da E.M.E.F. São Marcos que segue abaixo:



Realizei também a seguinte entrevista com a mãe:

Entrevista

LEVANTAMENTO DE DADOS PESSOAIS

Data de aplicação: 14/10/09

I- IDENTIFICAÇÃO

Nome do aluno: [REDACTED] sexo: M
 Apelido: [REDACTED] Data de Nascimento: 17/10/02
 Informante: Nome: [REDACTED]
 Parentesco: Mãe Pai: [REDACTED]

II- A CRIANÇA NA VIDA PESSOAL

- Tem sono calmo? Sim. Ou irrequieto? —
 Solicita atenção especial do adulto na hora de dormir?
 De que forma? Sim. Mãe tem que deitar junto
 Deita-se às 8h30 horas. Levanta-se às 6h30 horas.
 Dorme em cama separada? S. Com quem? —
- Apresenta dificuldade no falar? N. Gagueira? —
 Pronúncia defeituosa? N. Como é? —
- Apresenta dificuldade motora? N
- Tem controle urinário durante o dia? S. E durante a noite? Sim
- Tem horário estabelecido para alimentação? S
 Come sozinha? S. Como se comporta às refeições?
 (especificar os comportamentos da mãe e da
 criança). comida seca s/ caldo
 Rejeita algum alimento? S. Qual? —
 É alérgica a algum alimento? N. Qual? —
- Veste-se sozinha? N. Sabe abotoar? —
 Dar laço? N. Toma banho sozinha? S
 Pede muito a ajuda do adulto? N. Chupa dedo? N
 Rói unhas? N

III - A CRIANÇA NA VIDA SOCIAL

1. Atividades recreativas

Prefere brincar só ou com outras crianças? / outras, porém não tem
 Com quem brinca mais em casa? só ou e/ a mãe companha
 Onde brinca? (Especificar: quintal, dentro de casa, jardim, praça,
 rua, outros). no quintal
 Com quem brinca? (Brinquedos que tem). arco e flecha, lego, desenha
 Usa lápis? S. Toma iniciativa de brincar, ou precisa ser
 ajudada? S

Caminhou aos 3 anos. Fez fisioterapia p/ caminhar. Não engatinhou.

Quais os tipos de brincadeiras que mais aprecia? de faz de conta

Faz esportes? S Qual? Natação 1x/ semana

Que passeios faz mais comumente? A praia, campo, fazenda, clube, teatro, cinema, circo, parquinho

Ajuda em casa? N Gosta de ajudar? N

2. Relacionamento com os pais

A mãe sai de casa para trabalhar? N Em que horário? N

A mãe sai de casa para estudar? N Em que horário? N

Em que horário a mãe fica em casa? Toda hora

Em que horário o pai fica em casa? atrasado, depois da noite

Como a família passa o Domingo? passando

Já fez perguntas sobre como nascem os bebês e de onde surgem? S

Quais as coisas que o Sr(a) proíbe que seu filho faça? comer a comida estragada

O que faz quando ele desobedece? castigo

Alguém interfere? N Quem? N

Que outros adultos atuam junto à criança? S os pais

Verificar se o pai trabalha fora
Verificar se a mãe trabalha fora
Verificar se o pai estuda
Verificar se a mãe estuda

IV - SAÚDE

1. Já fez alguma operação? N Qual? N Idade? N

2. Já apresentou ou apresentou Convulsões? N

Idade: N Crise de asma? N Idade: N

Desmãos? N Idade: N Crise de bronquite? N

Idade? N Alergias? N Idade? N

3. Já teve algum acidente? N

4. Está fazendo algum tratamento? S Qual? N Há quanto tempo? duas semanas

5. Já tomou vacinas? S BCG S Idade: N

Sabin S Idade: N Tríplice S Idade: N

Sarampo S Idade: N Antivaricela S Idade: N

V - VIDA ESCOLAR

Já frequentou outras escolas, creches ou instituições? S

Quais? Escola Por quanto tempo? 2 meses

Como? Encaminhada

VI - INFORMAÇÕES ESPECIAIS QUE OS PAIS QUEIRAM DAR A RESPEITO DE SEU FILHO: Não apresenta TDA-H

Atenção especial no desenvolvimento

VII - POR QUE PÓS SEU FILHO NA ESCOLA?

OBSERVAÇÕES

(Assinatura de quem preencheu o formulário)

5 O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA MENTAL EM UMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REGULAR MUNICIPAL

O processo de inclusão de um aluno que não está inserido no padrão convencional de funcionamento de uma escola regular é muito difícil, pois encontramos diversas objeções por parte de algumas pessoas em relação à integração destes indivíduos considerados diferentes. Entre as diversas objeções podemos ressaltar o fato de que são sujeitos definidos como inadaptados, isto é, que não podem conviver com outros por estes temerem a anulação de suas identidades.

Acredito que seja possível a integração de uma criança em condições de deficiência mental em uma classe de alfabetização no ensino regular. Entretanto, este é um processo que exige cautela, calma, paciência, perseverança, compreensão e estímulo por parte daquele que objetiva tal ação.

5.1 DESAFIO VIVENCIADO

O presente relato apresenta os desafios que vivenciei e ainda vivencio em uma escola regular municipal, ou seja, na E.M.E.F. Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Gravataí, no estado do Rio Grande do Sul, em um primeiro ano do ensino fundamental em nove anos, cuja classe passa pelo processo de integração de um menino em condições de necessidades especiais, isto é, a deficiência mental.

O menino tem oito anos e sua idade mental segundo informações dadas pelos seus pais, é de quatro anos. Idade atingida segundo avaliações pediátricas no mês de abril deste ano. Seu cérebro tem o hemisfério direito maior e apresenta o fígado e o baço aumentados. Curvas timpanométricas tipo A (Jeger) à orelha direita e o tipo Ar (Jeger) à orelha esquerda. Reflexos acústicos contralaterais presentes, exceto 500 Hz à orelha direita e 500 e 1000 Hz à orelha esquerda e ipsilaterais presentes, exceto 500 e 4000 Hz. As avaliações foram realizadas pelos especialistas que acompanham o seu desenvolvimento desde o seu nascimento. Tais pareceres foram emitidos pela fonoaudióloga Cintia Ourique Silva e as avaliações foram emitidas pela psicopedagoga Rosangela Amorim (Clínica Espaço Vital).

Durante sua gestação, precisamente aos seis meses, sua mãe foi acometida pela moléstia denominada citomegalovirose.

Infecção causada pelo vírus Citomegalovírus (CMV). Embora muitas pessoas não lembrem tê-la padecido, é freqüente que isto tenha acontecido e tenha sido resolvido sem complicações e sem sintomas. É uma infecção muito freqüente na população em geral. É transmitida pelas secreções e o sangue, isto inclui o contato sexual, o uso de seringas compartilhadas, transfusões de sangue e através da placenta, canal de parto e lactação. O maior risco de infecção é produzido naquelas mulheres que contraem a doença pela primeira vez durante a gravidez. O vírus atravessa a placenta e geralmente provoca parto pré-termo. Em outros casos pode provocar danos similares aos que provoca a toxoplasmose, com afecção da retina, calcificações cerebrais, retardo mental e motor. Também pode provocar a morte fetal ou perinatal. Em 90% dos casos a infecção do recém-nascido é assintomática. No resto dos casos o recém-nascido infetado apresentará várias afecções incluindo icterícia, síndrome hemorrágica (alteração na coagulação do sangue), aumento do tamanho do fígado e o baço, etc. Grande parte destes recém-nascidos não conseguem superar as primeiras semanas de vida.²

Tal moléstia ocasionou a paralisia do hemisfério direito do cérebro do menino. A, apresenta além da deficiência mental, deficiência na mobilidade física, pois ainda não se locomove ereto como todo ser humano. Apesar de que com a efetuação e estimulação de exercícios diários que estão sendo realizados em sala de aula objetivando a motricidade ampla e o equilíbrio, constatam-se avanços no desenvolvimento da mobilidade. A, quando chegou as minhas mãos não subia escadas. Apresentava pânico, gritava e sapateava ou atirava-se ao chão quando era lhe solicitado que efetuasse tal ação. Sua mãe era obrigada a pegá-lo no colo quando era necessária a subida por uma escada. Hoje, A sobe e desce escadas sem o auxílio de alguém. Quando chegou à escola também não corria. Seus movimentos de deslocamento rápidos eram saltitos. Hoje, A desloca-se livremente pelo pátio. Muitas vezes, recusa-se a participar e ou realizar as tarefas. Outro fato relevante é quanto à organização de seu raciocínio, o qual aos poucos começa a transparecer que é possível, pois tem demonstrado um crescimento significativo. Estabelece algumas relações como, por exemplo, quando visualiza a letra A, ou qualquer uma das letras que compõem o seu nome, pois de sobressalto ressalta que é uma letra do seu nome. Assim, como quando lhe é apontada a letra "N". Ele a relaciona como a primeira letra do "navio" e faz considerações relatando que é uma letra que faz parte da bússola, e ressalta a importância dos pontos cardeais para a orientação dos navios. E destarte, segue uma sequência de relações, isto é, recorda que no navio tem a tripulação, que esta pode ser formada por piratas que estão à cata de tesouros. Que o Capitão Gancho é um pirata importante. E também faz menções quanto as partes de um navio, quais as suas funções e quais são as responsabilidades de cada componente da tripulação.

² Essas informações podem ser consultadas em: http://www.huggiesla.com/br/nota_citomegalovirosis.aspx

Percebo que assim como é relatado por Philippe Pinel sobre o menino selvagem, Victor de Aveyron, o menino A, "não é um indivíduo desprovido de recursos intelectuais". (BAPTISTA, Cláudio Roberto (Org.), 2006, p.137, apud CARNEIRO, Maria Sylvia Cardoso), pois mesmo apresentando deficiência mental a estimulação e a organização de exercícios intelectuais trabalhados está surtindo efeitos consideráveis em seu aprendizado. Os registros gráficos realizados pelo aluno A apresentam uma grande evolução. Os esboços de seus registros gráficos tomam forma como podemos verificar nos anexos. Já consegue representar por gestos as formas das letras que compõem o seu nome. O interessante é que quando alguém questiona como escreve-se o seu nome, ele faz as formas das letras com as mãozinhas e a letra "o" ele coloca por sobre a mão fechada a outra mão, em forma de acento circunflexo e conforme forma as letras realiza a contagem do número de letras que formam seu nome. E ao ser questionado quanto a qual é a letra inicial de seu nome, ele relata a quantidade. Assim, mesmo que não aparente que ele prestou atenção ao que foi explicado, ele demonstra que assimilou o que foi passado.

5.2 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O desenvolvimento das atividades propostas em sala de aula é muito difícil. É difícil manter o equilíbrio da turma. Quando o aluno A está em surto, na maioria das vezes, os alguns alunos ditos normais ficam agitados ou em estado de choque. Uns chegam a ficar perplexos. Enquanto, outros não se afligem, continuam seus afazeres dentro da normalidade. Alguns cobram para que eu aja severamente com o colega. Contudo, outros entendem sua deficiência e solicitam-me que ceda e compreenda os seus anseios e permita que ele faça o que deseja no momento, que no caso, é sair para o pátio e cavar o solo. Dizendo e repetindo sempre, que deve encontrar o tesouro que em determinado local, fruto de sua imaginação, foi enterrado. Ou fazer desenhos que representem o que no momento ele estiver imaginando. E outros, os "vulgos" espertinhos aproveitam-se do ensejo e não realizam seus afazeres.

Com o aluno A, os primeiros contatos foram realizados com trabalhos que observavam a socialização, pois o menino procedia da zona rural, onde seu vizinho mais próximo residia a uma distância de quatro quilômetros de sua morada e assim seu contato humano diário, era apenas com sua mãe, e com um número pequenos de colegas que estudavam na escola rural, e

esporadicamente com seu pai o qual viajava a serviço. Com a transferência de escola o menino sofreu uma mudança brusca em seu cotidiano. Além de sair da zona rural e passar a conviver com outras pessoas, também veio estudar em uma grande escola na zona urbana, com mais de setecentos alunos tendo que se adaptar a uma nova vida.

Quando aqui chegou, era agressivo, falava o tempo todo em matar e investia contra os colegas, contra qualquer pessoa que se aproximasse dele e contra mim a todo o instante. A mãe envergonhada e receosa de que ele ferisse alguém evitava em levá-lo para a escola. Minha primeira ação foi ir até sua nova casa e conversar com os pais para entender os motivos já citados. Ao seu retorno passei a desenvolver atividades que auxiliavam o desenvolvimento da socialização. Iniciei com música, pois esta “é uma linguagem feita de ritmos e sons, capaz de despertar e exprimir sentimentos”. (Weigel, 1988. p.10) É uma fonte de estímulos, equilíbrio e felicidade. Todavia, infelizmente, é muito difícil conseguir desenvolver qualquer atividade. Ele interrompe a todo o momento obcecado pela sua imaginação. Ora, é o Capitão Gancho. Ora, é o lobo mau. Ora, é um pirata e ou um aventureiro em busca de um tesouro e para tal tem que cavar o solo para encontrar.

Muitos trabalhos são desenvolvidos a partir da imaginação que ele apresenta. São realizadas atividades referentes às noções de espaço como exemplo: a partir da observação de uma gravura, registrar ou citar situações de “longe ou perto”, dentro ou fora, atrás, entre ou na frente, à direita ou a esquerda, em cima ou embaixo, como está representando a figura onde o aluno A explica aos colegas um plano de caça ao tesouro, conforme o anexo A. Ele traça no solo um “X” e explica aos colegas que quando encontrarem esta marca devem cavar, pois ali há um tesouro. Ressalta que os piratas carregam sempre consigo um mapa e neste, está esboçado o trajeto a ser percorrido para encontrar o tesouro.

As atividades musicais desenvolvidas favorecem a socialização, a participação e a compreensão, entretanto, as atividades musicais em grupo não tem êxito, apesar da tentativa por parte das crianças em auxiliar o aluno A, pois este não dá ouvidos ao que é tentado. Seu pensamento é fixado em sua imaginação. E as atividades executadas ao som de uma música, não são realizadas coordenadamente pelo aluno A, pois ele apresenta debilidade em seus movimentos.

Os trabalhos que envolvem teatrinhos são atividades em que o aluno A participa, porém, é necessário que sua atenção seja cobrada a todo o instante, pois ele se dispersa com facilidade envolto a sua imaginação.

Quanto ao desenvolvimento de atividades que envolvem diálogos, debates de assuntos referentes às regras de convivência e sobre a escola, quando são fixadas normas para o convívio em sala de aula objetivando o desenvolvimento da socialização, o aluno A aparentava não entender, pois não tinha discernimento do que é correto ou errado. Atualmente, já demonstra um avanço em relação às regras de convívio social, pois em certos momentos, ou seja, quando agride um colega, me olha, pede desculpas e questiona se estou triste com sua atitude. E ao o que respondo, ele volta-se para outro colega e agride-o. E assim sucessivamente.

As atividades em grupo como a montagem de quebra-cabeça, jogos de memória e ou, jogos de trilha, o aluno A por não ter o seu pensamento organizado para a realização de tarefas que exijam o raciocínio lógico, não consegue dar continuidade sem auxílio da monitora. Entretanto, as atividades de noção de grandeza partindo de observações são facilmente elaboradas por ele, pois consegue discernir os diferentes tamanhos e pesos.

As atividades que desenvolvem a motricidade fina, como a rasgadura, o amassamento, o recorte, a colagem de papel e a modelagem com massa de modelar são muito bem realizados pelo aluno A. Entretanto, empurrar uma bola com o queixo, com a ponta do nariz, ou seguir com os olhos o percurso de um pêndulo sem mexer a cabeça não são aceitas pelo aluno. Ele atira a bola para longe ou em algum colega. Contudo, no que refere desenhar, colorir desenhos livres, construir objetos com sucatas, ele aceita e as realiza, como pode ser verificado no anexo B. Todavia, as atividades que envolvem exercícios com as mãos como: mãos estendidas sobre a mesa (abrir e fechar) e outros, também são negadas por ele. Quanto à atividade de mistura e seleção de diversos grãos é realizada com esmero. A modelagem com barro ou massa de modelar também é bem aceita e muito bem realizada. As de enfiar contas ou pedaços de canudo em um fio ou cordão ou de alinhavos ele realiza, porém, com muita cautela. O fazer bolinhas amassando papel acalmam-no. O pintar com os dedos e com a mão usando tinta guache ou encaixar objetos faz com que ele se concentre. O desenhar em caixa de areia lhe proporciona tranquilidade e concentração. E as atividades que desenvolvem a percepção como: colorir as letras que compõem o seu nome destacando-as das demais que

estiverem grafadas no mesmo plano, ele as faz muito bem. Quanto à identificação e o reconhecimento das diversas cores são muito bem exercidas, pois procuro desenvolver com ele atividades de relacionar as cores com elementos que estão no auge de sua atenção no momento. E quanto à discriminação dos diversos sabores, odores e texturas, em sua maioria, no que refere as relacionadas ao tato ou olfato são muito bem efetuadas, porém, no que refere ao paladar não é possível a realização de experiências para a constatação deste saber, porque ele se recusa, mas ele apresenta possuir a noção do sentido do paladar devido aos relatos que faz quanto ao não gostar de certos alimentos.

As atividades relacionadas à formação de coleções quanto à forma, tamanho, textura e cor são assimilados pelo aluno A. Entretanto, as atividades que envolvem a seriação de objetos ele não consegue resolvê-las. Até tenta, porém, quando envolve mais de três objetos acaba por desordenar.

No que trata à motricidade ampla e equilíbrio os exercícios explorados como o modo de andar, isto é, pé por pé, para frente e para trás ou lateralmente, na ponta do pé ou no calcanhar, com os olhos fechados ou com o olhar fixo em determinado ponto. E exercícios em que os alunos devem equilibrar-se em uma perna só e ou, saltar no mesmo lugar e ou, jogos envolvendo corridas são atividades difíceis para o aluno A realizar. Assim como caminhar por sobre uma corda estendida ao chão ou por sobre as linhas que demarcam os limites na quadra de esportes da escola, pois ele apresenta limitações em determinadas atividades.

As atividades relacionadas ao freio inibitório não são concluídas pelo aluno A, pois ele não acata as ordens da professora e se dispersa com facilidade. E para tentar reter sua atenção estimulo-o a registrar através de desenhos esboços daquilo que é fruto de sua imaginação, porém, procurando articular seu trabalho com os objetivos almejados para a série.

5.3 CARACTERÍSTICAS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Vivemos em uma era onde a diversidade ainda não é aceita por todos. As desvantagens sociais de certa forma contribuem muito para a exclusão e não para a inclusão. Infelizmente muitos indivíduos que apresentam limitações intelectuais ou deficiências sensoriais são oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo, e conseqüentemente, são

expostos diante as inúmeras desvantagens, isto é, não conseguem usufruir da real assistência social que tem direito e enfrentam dificuldades culturais. Uma das desvantagens enfrentadas por alguns alunos é devida aos seus responsáveis serem analfabetos e não conseguirem um bom emprego e conseqüentemente passam por dificuldades financeiras impedindo-os de desfrutar de uma alimentação saudável.

Partindo deste pressuposto, procurei buscar informações em relação à deficiência mental para desenvolver um trabalho com excelência e plenitude. Busquei informações por intermédio de leituras, de estudos realizados através de vídeos que retratam experiências de tratamento com deficientes mentais e questionamentos através de consultas a médicos especialistas como pediatras, psicólogos, fisioterapeutas e psiquiatras.

Participei em eventos como o II Encontro de Deficientes Visuais promovido pela Associação de Deficientes Visuais de Gravataí. Visitei as salas multifuncionais nas escolas E.M.E.F. João Paulo II, E.M.E.E. Cebolinha e E.M.E.F. Vânius Abílio Alves dos Santos Filho a fim de inteirar-me dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos com meus alunos os quais apresentam necessidades educativas especiais.

Diariamente o período de aula segue uma determinada rotina, o qual é dividido em dois blocos. Cada bloco perfazendo um total de uma hora e quarenta e cinco minutos. O primeiro horário do primeiro bloco, dependendo do dia da semana, é destinado à realização de atividades em sala de aula. Às nove horas e vinte minutos os alunos são encaminhados ao banheiro e conseqüentemente para o asseio das mãos. Às nove horas e trinta minutos recebem a alimentação escolar no refeitório da escola.

As atividades desenvolvidas obedecem a um cronograma. Cronograma que foi combinado previamente com os alunos. Na segunda-feira às onze horas e vinte minutos são realizadas atividades com massinhas de modelar. Na terça-feira às oito horas e vinte minutos, atividades de pintura com têmpera e às onze horas e vinte minutos é realizada a hora do brinquedo livre. Na quarta-feira às oito horas é realizada a hora da leitura em sala de aula. E às dez horas e quinze minutos os alunos são levados à pracinha durante cinquenta minutos. Após são encaminhados ao banheiro para o asseio das mãos. Na quinta-feira a cada quinze dias é passado um filme em que esteja integrado o conteúdo pretendido a ser desenvolvido e também a cada quinze dias intercalados, são levados à

biblioteca da escola para a realização da Hora do Conto que é executada pela bibliotecária. Na sexta-feira às oito horas temos Educação Física durante cinquenta minutos. A cada quinze dias as aulas de Educação Física são ministradas pela professora de Educação Física do Currículo por Atividades.

A metodologia adotada durante este ano letivo com referência ao aluno A, foi de muita cautela, lentidão, dialógica, experimental e gradual, procurando desenvolver a socialização, a mobilidade e a motricidade fina e ampla, pois este no início apresentava uma agressividade ímpar, quase que podendo ser comparada ao caso do menino selvagem Victor de Aveyron, tratado por Jean Itard, no século XIX, o que ocasionou a necessidade de solicitação de um acompanhamento e atendimento por uma monitora em sala de aula, assistindo-o e auxiliando-o nas atividades para que seus surtos não interferissem no desenvolvimento dos trabalhos e conseqüentemente não prejudicasse o aprendizado dos colegas. Além, deste auxílio o menino foi encaminhado ao Serviço de Orientação Escolar e conseqüentemente a uma das salas de recursos multifuncionais do município.

Os conteúdos conceituais foram trabalhados partindo da realização de rodinhas diárias para o relato de experiências individuais e ou coletivas e em diálogo.

Também foram trabalhados na realização de atividades desenvolvendo habilidades de manuseio do computador, de câmeras fotográficas, de telefones celulares, de aparelhos de DVDs e microsistem. Em atividades com crachás, com prismas, com chamada visual e, ou em atividades de expressão plástica, com têmpera, lápis de cor, giz de cera, material de sucata e em produções livres e orientadas. Na exploração de características físicas envolvendo a diversidade de cores. Na execução de danças, jogos motores e atividades recreativas. Na construção de bonecos articulados. Na confecção de instrumentos musicais com sucata. Na elaboração coletiva de coreografias para músicas. Assim, desenvolvendo e alcançando com o aluno A alguns dos objetivos traçados, com dificuldade, mas aos poucos surtindo efeitos contemplativos.

Em primeira instância tentei cativar o aluno através de brincadeiras no pátio da escola, pois era humanamente impossível ficar com ele e os demais alunos em um ambiente fechado. Ele agredia os colegas e a minha principal preocupação era que qualquer objeto poderia servir como instrumento de agressão. Como já citei em outro item, ele falava a todo o instante em

matar o que tornava difícil a realização de alguma atividade, e exigia muita insistência e retomada de ordens e ou explicações, porém, aos poucos sua conduta foi sendo moldada. No princípio eu ficava calada. Muitas vezes chorei, porém, respirava fundo e retomava as atividades. Instigava-o a procurar pinhas, as quais ele tinha em mente para presentear o guarda da escola. Incitava-o a pintá-las a fim de desenvolver a noção das cores e tamanho. Ressaltava a importância de ser amável com as pessoas e também de respeitá-las para ser respeitado.

Estimulava-o a subir e a descer as escadas para que vencesse o pânico que o afligia, pois segundo Vygotski,

a educação é o domínio artificial dos processos naturais de desenvolvimento. A educação não apenas influi em alguns processos de desenvolvimento, mas reestrutura as funções do comportamento em toda a sua amplitude. (BAPTISTA, 2006 apud VYGOTSKI, 1999, P.99).

O que concordo plenamente, pois todas as atividades desenvolvidas com o aluno A, foram aos poucos e gradativamente estruturando a organização de seu pensamento e conseqüentemente a sua conduta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido baseado na busca de respostas aos questionamentos que eu tecia a mim mesma para auxiliar na evolução das experiências profissionais que tenho vivenciado em relação à inclusão de alunos em condições de necessidades especiais na educação regular.

Eu tinha dúvidas e não entendia como a inclusão poderia acontecer e ter êxito, visto que desenvolvo atividades profissionais em uma escola de ensino regular e no primeiro ano do ensino fundamental em nove anos, onde as crianças estão em uma faixa etária entre seis e sete anos. Ciente de que devo contribuir na formação de seres autônomos, formando indivíduos capazes de enfrentar os obstáculos e os desafios que a vida lhes impõe, tentei sanar as dúvidas que surgiram buscando subsídios para entender a inclusão na escola regular, abordando temas referentes às necessidades educativas especiais e ou limites intelectuais relacionados a deficiência mental. Também quanto ao como pensar a inclusão em uma turma de alfabetização de uma escola regular.

Busquei como referenciais teóricas informações de autores como FREIRE, Paulo, pois acredito em suas palavras que dizem que: “A educação é o que leva o sujeito a agir em favor da própria libertação. E é através das orientações que recebemos que desenvolvemos e percebemos nossos limites e damos sentido para a vida de modo que o conhecimento adquirido não seja inútil e vazio”. (Revista Escola p.70 – Grandes Pensadores). Outras informações foram de CHALITA, Gabriel o qual ressalta o que dizia o filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903), que “a finalidade da educação é formar seres aptos para governar a si mesmos e não para ser governados pelos outros.” De DURKHEIN, Émile quando cita que segundo KANT, “o fim da educação é desenvolver em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz”. Quanto a Thums, Jorge quando este, expressa em sua poesia o que entende por ser o que é Viver. De CURY, Augusto Jorge quando destaca que, “Educar é acreditar na vida. É ter esperança. É semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”. De MATURANA, Humberto que diz que “a educação é um processo em que a criança e ou adulto convive com o outro, se transforma espontaneamente de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro”. De PIAGET, Jean que ressalta quanto ao desenvolvimento

mental que “o desenvolvimento é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior.” De FIERRO, Alfredo no que trata que “a deficiência mental alude a limitações generalizadas em capacidades ou aptidões da pessoa, relativas a processos básicos de pensamento, de conhecimento e ou/ de aprendizagem”. E que “a deficiência mental refere-se às limitações substanciais no desenvolvimento corrente. Caracteriza-se por um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, que ocorre juntamente com limitações associadas em duas ou mais das seguintes áreas de habilidades adaptativas possíveis: comunicação, cuidado pessoal, vida doméstica, habilidades sociais, utilização da comunidade, autogoverno, saúde e segurança, habilidades acadêmicas funcionais, lazer e trabalho”. Também busquei informes de autores de Programa de Educação Inclusiva (MEC), de Acervos Complementares às áreas do conhecimento e Saberes e Práticas da Inclusão (MEC). E de consultas a médicos especialistas e profissionais especializados que atendem algumas destas crianças e em visitas as salas multifuncionais a fim de esclarecer as minhas dúvidas.

Destarte, após as leituras efetuadas, as experiências vivenciadas em sala de aula, e em virtude da aparente deficiência apresentada pelo aluno, busquei informações com seus responsáveis. As entrevistas realizadas com os pais não foram questionamentos específicos, porém, através de diálogo e desabafos destes fui adquirindo conhecimentos em relação à condição de necessidades educativas especiais do menino. Também, realizei diálogos com os especialistas que acompanham o desenvolvimento do aluno A. E assim, com os resultados até então obtidos, verifiquei que é possível à inclusão e a integração em uma classe de alfabetização em uma escola de ensino regular de alunos que apresentam deficiência mental. Todavia, considero muito importante que seja relevado e considerado o grau da deficiência mental apresentada pelo sujeito em questão. Entretanto, o pensar na inclusão é uma ação que exige do professor e dos envolvidos no processo, responsabilidade, habilidade, vontade, cautela, astúcia, empreendimento, destreza, perseverança e coragem. Contudo, o professor necessita de auxílio de um recurso humano diário, colaboração e acompanhamento constante, assistência dos serviços de orientação, supervisão escolar e municipal e ou, de órgãos competentes, assim como do serviço de direção da instituição.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conto, Verso e prosa**. O sexto sentido. Revista Aprende Brasil, nº16, Ano 3, p.24, abril/maio2007.

ALVES, Rubem. Pensador. **Dez anos sem Darcy Ribeiro**. Revista Aprende Brasil, nº16, Ano 3, p.36, abril/maio 2007.

BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.): **Inclusão e Escolarização múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. P.137-152.

CARNEIRO, Maria Sylvia Cardoso. **A deficiência mental como produção social: De Itard à abordagem histórico-cultural**. In. BAPTISTA, Cláudio Roberto (ORG.). **Inclusão e escolarização múltiplas perspectivas**, cidade: Porto Alegre, Editora Mediação, 2006.

BATISTA, Cristina Abranches Mota. **A questão da deficiência mental**. Ensaio Pedagógico Construindo Escolas Inclusivas, p.99-100.

BRASIL, Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial, "**A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva**", p.16, Brasília/DF – 2007)

BRASIL, Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial, "**A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva**", p. 6-7, Brasília/DF – 2007)

CHALITA, Gabriel Educação. **A solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 10ª ed; Rio de Janeiro; SEWXTANTE; 2003.

DURKHEIM, Émile. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora. In: ___ Educação e sociologia. P. 25-564 ed. trad. Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

FIERRO, Alfredo. Os alunos com deficiência mental. In: **Desenvolvimento psicológico e educação**. Vol. 3, p.195. César Coll... [et al], 2ª ed - reimpressão; trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora S.A. 2004.

GOMES, Adriana L.Limaverde... [et al], **Atendimento educacional especializado - Deficiência mental**, São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

GUHUR, Maria de Lourdes Perioto. **A representação da Deficiência Mental Numa Perspectiva Histórica**. Revista Brasileira de Educação Especial, Vol. I, nº2, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP; EPU, 1986.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2001. p. 29.

PAULA, Ana Rita de, COSTA, Carmen Martini. **A hora e a vez em uma sociedade inclusiva** -reimpressão -. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

PIAGET, Jean. O desenvolvimento mental da criança. *In: Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro, Forense, 1986. p. 11-70.

SÁ, Elizabet Dias... [et al]. **Atendimento educacional especializado** - Deficiência Visual, p.14. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

TEZZARI, Mauren Lúcia. **Inclusão Escolar e rede de apoio: a Sala de Integração e Recursos (SIR) como possibilidade de serviço de atendimento especializado**. P.1, In: VI Seminário de PESQUISA EM Educação da Região Sul – ANPEA-SUL. 2006

WEIGEL, Ana M^a Gonçalves. **Brincando de música**. Kuarup. Porto Alegre, 1988. p.10.

ANEXOS

1 FOTOS



O aluno A munido de um mapa traçado por ele, cavando o solo em busca de um tesouro.



Tecnologia - A colorindo um foguete no Computador.



Outro mapa e novas cavações em busca de tesouro.



Explicações aos colegas como podem encontrar um tesouro.



Dançando



Passeio ao Zoológico



Montagem de um quebra-cabeça.



Envolvido com uma bússola construída por ele.



Mostrando uma atividade concluída.



Desenhando um de seus mapas de tesouro.

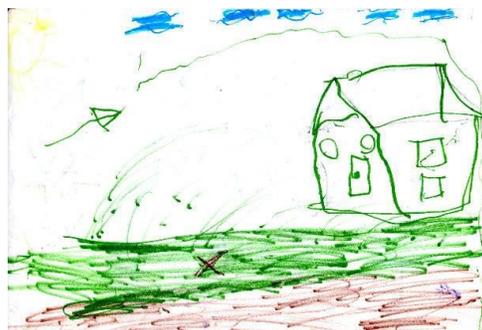


Concluindo seu pensamento.

2 ALGUMAS ATIVIDADES



Representação de um navio em busca de um tesouro.



Representação realizada pelo aluno A referente a uma atividade que objetivou o desenvolvimento da noção espacial, quando os alunos tiveram que traçar o local em que haviam escondido um brinquedo.



Representação da seleção brasileira em campo.



Representação do passeio ao Zoológico. Ficou impressionado com a morte das girafas.



Pintura de uma gravura sobre o Natal e no rodapé da página a escrita de seu nome.



Representação gráfica da pracinha da escola.

APÊNDICE

1 BOLETIM EMITIDO PELO HOSPITAL DA CRIANÇA CONCEIÇÃO E FORNECIDO PELOS RESPONSÁVEIS

TRAZER ESTA NOTA DE ALTA AO RETORNAR AO HOSPITAL

HOSPITAL DA CRIANÇA CONCEIÇÃO
SISTEMA DE ESPECIALIDADES MÉDICAS

Página 1
02/07/02
14:03:41

Nome: _____ Registro: 26757206

Idade: 15 dias Data Nasc.: 17/06/2002 Sexo: M E. Civil: S Natural: PORTO ALEGRE

Hospitalização: Alta Horas: 02/07/02 13:03 Posto / Leito: 6 ARD / 6074 Serviço: 456 - H.I.I.

Assistente: 1345 Informante: 1345

Classificação de Alta: ALTA MELHOR GRADO

Diagnóstico Principal: _____ Código Internacional de Doenças (CID10):

Fat. rec-nasc. alt.: outr. complicaç. ma. grav. (P018) P018
Sepsis em N. (A41.9) A41.9

Exames Realizados:

ECOCARDIOGRAFIA	LABORATÓRIO ANÁLISES CLÍNICAS	ECOGRAFIA
RADIOLOGIA		

LIBERADO ALTA

NOTA DE ALTA

Medicação/Plano de Alta:
leite materno (livre demanda) ou NAN 1 20:80 ml 3/3 horas
Reav. em amb. com ped. atra. neuro. cardí. (30 dias) e gastro. (45 dias).

Observação:
An. baixa no UCI neonatal por Sepsis, Citomegalovirus congênita e alteração função hepática. Mãe com Diabetes gestacional. An. nasceu de parto vaginal, PM 3360 gramas, Appgr 9/5, bolsa rota 2 horas.
Solicitado TORSEM com alteração para o contagem/vol. (acrescentar por Sepsis (-), iniciado atb. (pen / gent).
Solicitado ecocardi. com resultado de canal arterial e forame oval patente. Eco abdominal sem massa abdominal e aumento de tampo.
Faz avaliação gastro devido alterações função hepática com revisão pericoma de TGO, TGP e dos. bilirrubinas. Acompanhamento do gastro com última revisão (clínica e laboratorial) hoje, 02/07 para alta.
Faz ev. com observação que consultou segue e deglutição normais. Ao último com alteração de taxa de alta.
Hemograma - negativo. Tapas mat. em Ar. negro hemátia ventricular em área de reabsorção. Sucre observação clínica realizada e reavaliação amb. Alta Hospitalar. *ASS. 11759*

02/07/02 _____
Data Assinatura do Médico Assinatura do Paciente/Responsável

*Boletim
Conceição*

*17-07-02
S.M.C.
8HS
Ar. Conceição*

*números até 5 a ele quantidade
é escrito até 15 oralmente para
os demonstrar relação até 5*

2 AUTORIZAÇÃO PARA USO DA IMAGEM DO MENINO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a professora Luiza Amélia Marcico Chiavaro, regente de classe da turma 910, da E.M.E.F. N.S.A., a fazer uso de fotos e imagens de meu (minha) filho(a) em trabalhos referentes as atividades desenvolvidas durante o ano letivo e realizar quando necessário atividades de pesquisa de campo e ou passeios na comunidade escolar.

Responsável

Gravataí, //.....